

Palestina: ciladas nas negociações

Luiz Eça

Olhar o Mundo, publicado em [28 / 10 / 13](#)

Todos conhecem o plano israelense de seguir aumentando a área tomada pelos assentamentos até não haver praticamente espaço vazio para um Estado palestino.

Tzipi Livni, a representante de Israel nas negociações com os palestinos, está ficando de cabelos brancos.

Ela é a favor da independência da Palestina (em termos), até condicionou sua participação no ministério de Netanyahu a ser a negociadora da paz.

E agora tem de driblar os tormentosos aliados extremistas de BIBI, empenhados em sentido contrário.

Yakov Litzman do partido religioso, *United Torah* veio com uma lei exigindo que qualquer negociação com os palestinos sobre a entrega de partes de Jerusalém Oriental a eles tenha de ser previamente aprovada pelo Knesset (parlamento). E por uma maioria de 2/3.

O que seria impossível de conseguir.

Isso equivaleria a uma proibição desta questão, vital para os palestinos, possa sequer ser discutida pelos representantes das duas nações.

Aprovada a lei de Kitzman, imediatamente os palestinos se retirarão da mesa de negociações.

E lá se vai a última esperança de solução pacífica.

É exatamente o que deseja o ministro da Economia, Naftali Bennett. Ele apelou ao primeiro-ministro Bibi Netanyahu para que colocasse logo o projeto em discussão no Gabinete de Ministros, pois julga-o da mais alta importância.

Para não ficar atrás, o *Jewish Home*, partido dos assentados, parceiro de Netanyahu no governo, também tem uma lei que, aprovada, vai fazer os palestinos desistirem de resolver sua grande causa numa boa.

Ela impediria a libertação dos prisioneiros políticos.

Essa medida foi prometida por Netanyahu, em troca da desistência dos palestinos em exigirem o fim da expansão dos assentamentos, como pré-condição do início das negociações.

Apesar de ter feito esta concessão (forçada pelos EUA), os palestinos deixaram claro que jamais aceitariam os assentamentos, ilegais pela ONU e o direito internacional.

E que, portanto, novas expansões somente serviriam para tornar mais difícil uma solução para o problema dos limites do novo Estado palestino.

Netanyahu fez que não ouviu e não demorou uma semana para aprovar a construção de mais assentamentos.

Protestos inflamados dos palestinos, repreensões de John Kerry...e Bibi prometeu que iria com mais calma.

Agora, esqueceu suas promessas (parece que tem memória muito fraca).

Um seu importante assessor acaba de anunciar a construção nos próximos meses de novas unidades nos blocos de assentamentos e em Jerusalém.”

E esclareceu que não tinha nada de mais, tanto os americanos, quanto os palestinos já haviam sido informados. E nada objetaram.

Imediatamente, o porta-voz de Abbas, Presidente da Autoridade Palestina, pulou em protesto, negando tudo.

Fato que, aliás, não tem a menor importância.

Todos conhecem o plano israelense de seguir aumentando a área tomada pelos assentamentos até não haver praticamente espaço vazio para um Estado palestino.

Enquanto isso, as partes fazem de conta que estão negociando a paz pra valer.

Na verdade, cada uma espera que sue oponente pise na bola para cair fora, acusando-o pelo rompimento das negociações.

E assim poder ficar bem com os americanos.

Mesmo que os palestinos ganhem essa batalha, Israel continuará ganhando a guerra.

Veja só o que provavelmente aconteceria, caso as negociações dêem em nada por culpa de Bibi.

Agradecido pelos esforços do obediente Abbas, John Kerry provavelmente conseguirá de Obama um plano de ajuda à economia das áreas A e B da Margem Oeste, administrada pelos palestinos.

Não haverá independência, mas Abbas terá recursos para melhorar um pouco as péssimas condições das suas regiões.

E até se reeleger presidente da Autoridade Palestina.

Já Bibi, no máximo, sofrerá comentários ofensivos nas conversas privadas entre Obama e Kerry.

Ele não daria a mínima.

O que lhe importa mesmo, o apoio militar *yankee* e seu veto no Conselho de Segurança às propostas hostis a Israel, nada disso deve mudar.

Cada vez mais uma nova Intifada cresce, não como solução, mas como uma tentativa desesperada.

Sem chances.

Pior, sem alternativas reais.